

# EXTRA

03| REPORTAGEM  
**Paulo Borges**

04| OPINIÃO  
**Armando Mendes**

05| CRÓNICA  
**Víctor Ruí Dores**

06| **Maduro-Dias**

07| **Fagundes Duarte**

12| FOTORREPORTAGEM  
**Festas da Praia**



14| **Erro Infesto**

15| **Arnaldo Ourique**

17| DESPORTO  
**Márcio Silva**

19| OLHARES  
**Pedro Alves**

# 08 » 11 FAZER VALER A AUTONOMIA

ZURAIDA SOARES, BLOCO DE ESQUERDA

A LÍDER DO BLOCO DE ESQUERDA NOS AÇORES E CANDIDATA DO PARTIDO ÀS ELEIÇÕES REGIONAIS DE OUTUBRO, ZURAIDA SOARES, DEFENDE QUE É URGENTE ADAPTAR O NOVO CÓDIGO DE TRABALHO À REGIÃO. SUSTENTA QUE É PRECISO “FAZER VALER” A AUTONOMIA EM VÁRIAS ÁREAS. PARA OS TRANSPORTES, QUER UM ESTUDO INTEGRADO. NA TERCEIRA, CONSIDERA QUE PODE HAVER CONDIÇÕES PARA UM CLUSTER AERONÁUTICO.

**O BLOCO DE ESQUERDA TEVE, NOS ÚLTIMOS QUATROS ANOS, PRESENÇA NO PARLAMENTO AÇORIANO. QUE PROVAS FORAM DADAS?**

Fazer esse balanço será, um pouco, ser juíza em causa própria, mas, tentando ser o mais rigorosa e séria possível nessa avaliação, penso que não só a entrada do Bloco de Esquerda, mas o alargamento da representatividade, na nossa Assembleia Legislativa, a mais três partidos, é uma prova de maturidade democrática e uma forma dos cidadãos e cidadãs se sentirem representados no nosso Parlamento. Penso que esse é um ganho coletivo. Para nós, Bloco de Esquerda, foi um ganho imenso em termos de experiência, de aprendizagem e de testarmos a nossa capacidade de luta e as nossas convicções. Sobretudo, provámos de que lado da barricada estamos. E colocámo-nos, claramente, ao longo de quatro anos, do lado da barricada dos mais desprotegidos, daqueles que habitualmente não têm voz em lado nenhum. Estamos do lado do emprego, da economia, da transparência, da democracia, contra os interesses instalados e o desperdício. Quanto a capacidade de propositura, somos, depois do PS e do PSD, o terceiro partido a apresentar iniciativas legislativas. Somos, à frente do PS e do PSD, o terceiro partido a apresentar recomendações ao Governo Regional. Fizemos, ao longo desta legislatura, cinco interpelações e debates de urgência. Seremos, talvez, o primeiro partido em termos de apresentação de propostas de alteração aos projetos e propostas de decreto legislativo que vão a debate. Inquirimos o Governo sobre o desemprego, as finanças da Região, de que tantos falam, mas que tão poucos têm a coragem de, com transparência, colocar o problema em cima da mesa e ouvir quem tem de ser ouvido. Também o fizemos sobre as Pescas, que sofrem com uma das piores políticas deste Governo Regional nesta última legislatura. Temos a consciência de que não defraudámos as expectativas dos eleitores e das eleitoras que nos deram a honra de os representar, representando todo o povo açoriano também. A nossa expectativa é de reforçar a nossa representação parlamentar.

**O LÍDER DO PARTIDO A NÍVEL NACIONAL, FRANCISCO LOUÇÃ, JÁ DISSE QUE QUER ULTRAPASSAR NA REGIÃO OS RESULTADOS DO CDS/PP...**

Não disse bem que quer... Disse que o Bloco de Esquerda merece ter mais votos do que o CDS.



ZURAI DA SOARES, LÍDER DO BLOCO DE ESQUERDA

**“ESTAMOS NA BARRICADA  
DOS MAIS DESPROTEGIDOS”**

**E CONSIDERA QUE MERECE?**

Considero. Pelas razões que acabei de apresentar e por outras. O CDS tem, com alguma criatividade, tentado passar pelos pingos da chuva, nos Açores, fazendo os eleitores e as eleitoras esquecerem que é um parceiro responsável pela política de austeridade, de recessão e de roubo que vai do emprego e da economia aos direitos das pessoas, que estão constitucionalmente consagrados. É um parceiro da coligação governamental na República. Não está incólume. Sabemos bem que o CDS fez uma campanha, nomeadamente nas últimas legislativas, e também ao longo de todos os PECS, na época de José Sócrates, com Paulo Portas a apresentar-se como o líder dos contribuintes. No Governo da República, impôs aos portugueses a maior taxa fiscal da história da nossa democracia. Isto não é sério nem honesto. Paulo Portas defendia que a Caixa Geral de Depósitos devia ser transformada num banco de apoio ao desenvolvimento da economia. Paulo Portas está no Governo e o CDS também e nada disso foi feito. A Caixa Geral de Depósitos continua como qualquer outro banco... O CDS comprometeu-se a não roubar subsídios de férias e de natal. Roubou-os. Um partido que tem uma cara e uma política na República e que, 1800 quilómetros depois, tem uma postura completamente distinta, querendo fazer esquecer a sua profunda responsabilidade na situação que o país atravessa neste momento, não é de merecer, do nosso ponto de vista, a confiança dos eleitores. Quando penso nesta postura do CDS, lembro-me daquela história de que as boas meninas vão para o céu e as más vão para todo o lado. Se bem entendi as declarações dos líderes nacional e regional, o CDS está disponível para ir para o Governo seja com quem for, com PS ou PSD. Isso é uma coisa extraordinária! É suposto o PS e o PSD terem diferenças. Estar disponível para se ir com um, ou com outro, é ser-se uma má menina. Agora, importa desafiar o PS a dizer muito claramente o que vai fazer se ganhar as eleições num quadro de maioria relativa. Não vá acontecer os eleitores votarem no PS, con-



tando com um governo de esquerda, e aparecer-lhes pela frente uma coligação de direita.

**SE O BLOCO DE ESQUERDA ULTRAPASSAR O CDS NAS PRÓXIMAS ELEIÇÕES, FICARÁ ELE, MUITO PROVAVELMENTE, NUM LUGAR DECISIVO NUM CENÁRIO DE MAIORIA RELATIVA. O QUE FARÃO NESTA SITUAÇÃO?**

Não impediremos a constituição de qualquer governo, seja ele qual for. Não integraremos, também, nenhum governo. A nossa disponibilidade é para continuar a fazer, com integridade e responsabilidade, votação proposta e proposta.

**A QUE SE DEVE ESSA RECUSA TOTAL EM INTEGRAR UM GOVERNO?**

Em política a coerência tem de ter um valor. Por vezes, tem custos, nem sempre é fácil levá-la até ao fim, mas também se ganha, a prazo. As pessoas vão percebendo quem é que verga com facilidade e quem é que se vende barato. Um partido como o Bloco de Esquerda, que combate a Troika na Região e na República, não pode aliar-se em termos governativos a qualquer um dos partidos que trouxe a Troika seja para o país como para a Região. Consideramos que os açorianos e as açorianas ganharão com a ausência de maioria absoluta. O melhor governo do PS nesta Região foi o primeiro, com maioria relativa. Nesta situação, quem está no Governo tem de negociar medida a medida, tem de dialogar e ter humildade democrática.

**COMO ENCARAM A EVOLUÇÃO DA CRISE NA REGIÃO?**

Com uma imensa preocupação, sobretudo, em termos de dois flagelos: Há quatro anos que dizemos que o desemprego nesta Região está paulatinamente a subir, todos os anos. Até que chegamos a 2012 e temos o quadro de desemprego atual, que é trágico para a vida das famílias e dos jovens. Outra grande fragilidade é a pobreza. Somos a Região do país com maior desigualdade social. É aqui que a diferença entre ricos e pobres é maior. No entanto, temos vindo a subir em termos de PIB. Se a riqueza está a aumentar, mas a pobreza também, isto só quer dizer que a riqueza está muito mal distribuída.

**COMO SE COLOCA UM TRAVÃO A ESSA SITUAÇÃO, DO PONTO DE VISTA DO BLOCO?**

De várias formas. É preciso combater os interesses instalados e muitos desperdícios que existem. Ao longo dos últimos quatro anos pagámos, a algumas pessoas, duzentos milhões de euros em derrapagens nas obras públicas. É muito dinheiro tirado do bolso de todos nós e colocado no de alguns. Esta situação só pode terminar quando a lei que está em vigor nos Açores, dos contratos e da obras públicas, que é uma exceção no todo nacional, for alterada. As obras podem, aqui, alegremente, derrapar até 25 por cento, enquanto no Continente e na Madeira é até 5 por cento e, em casos verdadeiramente extraordinários, bem fundamentados, até 25 por cento. Já propusemos, duas vezes, na Assembleia Legislativa dos Açores, um projeto de decreto legislativo regional para alterar esta situação. PS, PSD e CDS votaram contra. Defendem os tais interesses instalados. Falemos de economia paralela: É fuga e evasão fiscal. De acordo com a Câmara de Comércio de Angra do Heroísmo, este flagelo corresponde a 40 por cento do PIB da nossa Região. Se formos apenas para os 25 por cento, que é a média nacional, e fizermos as contas com o PIB regional, cerca de 3500 milhões de euros ano, sabemos que, todos os anos, fogem aos impostos, na nossa Região 875 milhões de euros. Não pagam IRS, IRC ou IVA. Se aplicasse a este valor uma taxa de impostos de 20 por cento, entrariam nos cofres do Governo Regional, todos os anos, 175 milhões de euros. Se somarmos as derrapagens nas obras públicas e este fenómeno, é muito dinheiro que teríamos a mais, se tivéssemos leis mais transparentes e mais sérias e se não fossem defendidos apenas os interesses de alguns. Também há algo que o Bloco de Esquerda tem a honra de ter sido o primeiro a levantar na Assembleia Legislativa, que são as obras para amigos, feitas a pedi-

do. As obras da estrada da Fajã do Calhau, na ilha de São Miguel, são um exemplo paradigmático. É uma obra que foi feita porque alguns amigos a quiseram, levou seis anos a fazer e foi iniciada sem nenhum tipo de estudo, nem de impacte ambiental, nem técnico, nem orçamental... Ao fim de seis anos, o Governo diz que custou dois milhões ao erário público. Quando muitos dizem: A Região não tem dinheiro. Não! Vamos aos desperdícios e aos privilégios de alguns.

**NO CAMPO DOS APOIOS SOCIAIS QUAL É O VOSSO PROJETO?**

Defendemos o mesmo que queremos para a economia e para o emprego: Temos de fazer valer a Autonomia, que não é apenas um discurso muito bonito, um enfeite de todos os discursos mais ou menos institucionais desta Região. A Autonomia só tem dois limites: A Constituição e o nosso Estatuto Político-Administrativo. Defender a nossa Autonomia é exercê-la até onde ela conseguir ir. Podemos fazer diferente aqui. Não podemos limitar-nos a fazer o mesmo que se faz na República e mais um bocadinho, ou então menos um bocadinho... Na área dos apoios sociais, é claro que aqui há sempre mais um bocadinho para alguns em alguns apoios, mas é um bocadinho muito curioso. Em termos quantitativos os nossos apoios são sempre mais baixos do que aqueles que são dados no Continente, embora possam abranger mais pessoas. O que propomos é a diferença. É por isso que apresentámos na Assembleia Legislativa uma proposta de adaptação do miserável novo Código de Trabalho a esta Região. Os Açores não têm de aplicar aqui o novo Código de Trabalho de Passos Coelho. Uma Região que tem, no sector privado, os salários mais baixos do país, a maior precariedade, um desemprego jovem galopante e que já ultrapassa a média nacional, uma discriminação das mulheres no trabalho muito superior à que existe no Continente... Não pode pôr-se ao jeito de aplicar um Código de Trabalho que garante a precariedade como única saída para os jovens, torna os despedimentos mais rápidos e baratos ou impõe mais dias de trabalho com o mesmo salário, entre muitas outras coisas inaceitáveis. São atacadas as contratações coletivas e os sindicatos, é diminuído o custo das horas extraordinárias... Este Código de Trabalho é uma ameaça, sob todos os sentidos, nesta Região. Também não tem nada a ver com o défice e com a dívida. Nenhuma medida nova que foi imposta por Passos Coelho e por Paulo Portas neste Código de Trabalho tem alguma ligação direta com o défice e com a dívida. A única coisa que garante é a continuação da transferência do rendimento do trabalho para o capital. Do trabalhador para quem tem dinheiro. Foram os trabalhadores ou os funcionários públicos e os aposentados deste país que criaram a bolha imobiliária especulativa? A responsabilidade pelo estado das nossas finanças públicas é do povo? E os contratos das parcerias público privadas que nos vão obrigar, até 2040, a pagar cerca de 60 mil milhões de euros? É quase tanto quanto a Troika nos emprestou, aos juros agiotas que todos conhecemos.

**O QUE DEFENDEM NO CAMPO DA CRIAÇÃO DE EMPREGO?**

Se falarmos em emprego de uma forma geral, digo que a adaptação do Código de Trabalho à Região, recuperando o de 2009, que não é uma menina dos nossos olhos, mas é melhor do que o de junho de 2012. Pagar subsídios de férias e de Natal é outra forma de garantir emprego. E porquê? Quando dizemos que no ano passado, com a retirada dos subsídios, saíram da economia açoriana cerca de 20 milhões de euros, precisamos de fazer contas: Agora já não é metade, é todo, e já não é um subsídio, são dois. São entre 70 a 80 milhões de euros que vão desaparecer da economia. Qual

é o comércio tradicional que se pode manter quando no bolso das pessoas não há dinheiro para gastar? Qual é a empresa que se pode aguentar, apesar de todas as medidas de apoio do Governo Regional, e o Bloco de Esquerda têm-nas votado todas no Parlamento Regional? Estamos a correr atrás do prejuízo. Outra forma de garantir emprego passa pela construção civil, o setor que mais penalizado foi na nossa Região, porque não há obras. Então, é necessário atacar as frentes das obras públicas e privadas. O Bloco de Esquerda propõe duas medidas imediatas: Ao nível público, estabelecer um protocolo entre o Governo Regional e as autarquias para investirmos na reabilitação urbana de espaços e de imóveis públicos. Isto dá trabalho às empresas. Os privados não têm dinheiro? Então, vamos criar uma linha de crédito de 50 milhões de euros, negociada e estabelecida entre o Governo Regional e a banca, com carência de dois anos e zero de juros, para que os privados possam reabilitar as suas casas, as suas propriedades, tendo dinheiro para isso. É investimento reprodutivo. Temos outras medidas. Toda a gente fala de diversificação agrícola, agora, mas o Bloco já o defende há muito tempo. Como é possível apostar na diversificação agrícola nas nove ilhas, se não há garantia de escoamento e comercialização dos produtos que desafiamos os produtores a terem? O que falta? Obrigar as grandes superfícies, as grandes distribuidoras, a uma quota de compra no mercado regional. O Governo Regional tem de dizer às grandes superfícies: Os senhores têm incentivos para virem para a Região, mas têm de nos dar contrapartidas. Seria uma quota de produtos regionais e por ilha. As quotas leiteiras também merecem uma preocupação redobrada. Faltam dois anos, é em 2015. Temos de desafiar a ministra Assunção Cristas, que tem tido uma atitude de defesa das quotas leiteiras que louvamos, a dizer a Bruxelas que se não houver uma cláusula de exceção, uma derrogação para a Região Autónoma dos Açores, ela, ministra do governo português, não assina a reforma da PAC (Política Agrícola Comum). Tem de ser tão claro como isso. Perdemos já uma oportunidade, quando aconteceu a negociação do Tratado de Lisboa, de fazer a mesma coisa com a gestão partilhada da nossa Zona Económica Exclusiva até às 200 milhas. O resultado é a depreciação dos nossos recursos. Houve falta de coragem política do Governo Regional e do Governo da República.

#### **UMA QUESTÃO QUE TEM VINDO A AQUECER A CAMPANHA ELEITORAL É A DAS TARIFAS AÉREAS. O QUE QUER VER ACONTECER NESTE CAMPO?**

Se olharmos para a overdose de promessas eleitorais com que temos sido confrontados, diria que já teríamos uma frota marítimo-aérea. Entre ferries, barcos, cargueiros e lanchas, seríamos, talvez, a Região mais rica do planeta. A questão que se levanta é para quê? Como vamos articular transportes terrestres, marítimos e aéreos? O PSD fala num POSEI para os transportes. Nada contra. Mas sabemos bem, até por declarações vindas da própria União Europeia, que isso é muito difícil de negociar. Será uma negociação dura e demorada. O PS garante que é possível baixar já 40 por cento nas tarifas aéreas. Então, porque é que não baixa? De que tem estado à espera? Não se resolve também o problema de fundo dos transportes, que, na nossa opinião, são o toque de Midas para o desenvolvimento desta Região. O Bloco de Esquerda há quatro anos que está a pedir ao Governo Regional um plano integrado de transportes, que não demora uma eternidade, mas, no máximo, seis meses. Vai, de uma forma clara e séria, determinar do que é que precisamos, o que é que já temos, o que é que queremos, quanto é que tem de



ser os preço das passagens... Seriam apontadas as linhas para a conjugação e harmonização dos transportes marítimos e terrestres. Saberíamos quanto custaria tudo e qual é o retorno. Depois de respondermos a estas questões, sabemos exatamente que tipo de barcos é que pretendemos. Não voltamos a ter novos Atlântidas. Sabemos do que é que precisamos para a Região, para o Triângulo, para chegar a Santa Maria ou ao Corvo... Quando o PS ou o Governo Regional falam num modelo flexível para a nossa Região nos transportes aéreos, o Bloco de Esquerda começa logo a pensar em low-costs. Não temos nada contra. Agora, o que fazemos com as mercadorias? As low-cost quererão ir para duas ilhas, São Miguel e Terceira, e o problema das mercadorias permanece. As low-cost não transportam mercadorias. A senhora secretária regional da Economia, questionada sobre esta matéria, deu uma resposta surreal, disse que “eles depois lá se hão-de entender”. Eles são companhias multinacionais que lidam, se calhar, num dia, com o PIB da Região Autónoma dos Açores. Não estão minimamente preocupados com as mercadorias e com a economia açoriana. Estão preocupados com os seus lucros. À partida, não nos parece que as low-cost possam ser um ganho para esta Região, ou que pelo menos não tenham alternativa que não seja, mais uma vez, garantir dinheiro apenas a alguns. Queremos um plano integrado de transportes, onde bata a bota com a perdigota.

#### **OUTRA QUESTÃO POLÉMICA É A DÍVIDA DA SAÚDE...**

A Saúde, de acordo com a nossa Constituição, é um direito universal e gratuito. Assim terá de permanecer. Não podemos fazer com o Serviço Regional de Saúde a mesma coisa que está a acontecer a nível nacional. É preciso ver que um dos últimos sinais do socialismo, de acordo com o senhor presidente do Governo Regional, que era a inexistência de taxas moderadoras nos nossos hospitais e centros de saúde, afinal, caiu por terra. E não é com isso que se salva o Serviço Regional de Saúde. Isto faz-se racionalizando, evitando desperdícios. São precisas menos administrações, que também fazem parte dos desperdícios, e uma gestão de uma empresa como a Saudaço com objectivos e critérios diferentes. Se for necessário pode-se avançar para a criação de sinergias entre centros de saúde e hospitais. Algo também evidente é uma orçamentação fiel ao gastos da Saúde. O grande responsável por esta dívida é a permanente suborçamentação da Saúde nos orçamentos anuais da Região. Agora, temo que PSD e CDS se encaminhem para um

resgate financeiro “à la” Madeira. Isso não pode acontecer porque quer dizer mais Troika para dentro dos Açores. Menos saúde e menos direitos.

#### **DEFENDEM MEDIDAS EM CONCRETO PARA A TERCEIRA?**

Temos duas propostas mais de fundo. Ambas têm a ver com a Terceira. Podem ter na ilha o embrião da sua potenciação e do seu desenvolvimento. Têm a ver com a nossa privilegiada situação geoestratégica, que para os açorianos tem sido sempre uma prisão e não uma vantagem. Nos últimos tempos, em que há uma ameaça de desinvestimento na componente militar da ilha, imediatamente começaram a aparecer planos e projectos não militares para rentabilizar aquela Base, garantir os seus postos de trabalho e aumentá-los. O Bloco de Esquerda defende que é altura de fazer um levantamento de alternativas ao uso militar da Base. Podiam passar pela criação de um cluster aeronáutico. As rotas entre os dois continentes estão esgotadas. Aqui está a base da possibilidade de criar rotas alternativas para o espaço aéreo europeu entre os dois continentes. Isto seria também uma forma de potenciar a NAV em Santa Maria. Seriam possíveis sinergias entre várias ilhas. Não é com a componente militar, como estamos a ver, que os postos de trabalho na Base das Lajes serão garantidos e aumentados. É um projecto a médio e a longo termo, mas é agora que o debate tem de ser aberto. Há aqui também um polo da Universidade. Foi dito há pouco tempo, pelo senhor secretário de Estado da Economia que “o potencial dos fundos marinhos, particularmente em metais, tendo em conta a nossa zona marítima, pode ascender a 60 mil milhões por ano”. Os Açores são a RUP (Região Ultraperiférica) com maior investigação na Oceanografia, graças ao DOP (Departamento de Oceanografia e Pescas). Temos peritos, saber acumulado em vulcanologia, em ciências do mar, em biodiversidade, em ciências agrárias... Há departamentos que, por si só, justificam o início da criação de um Centro Internacional de Investigação, para garantir que não há trabalhos de investigação na nossa Região que não deixam cá mais-valias. Precisamos de um novo fôlego para a Universidade dos Açores, nesta Região que é um laboratório natural. A Terceira está no centro destes dois embriões de desenvolvimento. O DOP está no Faial, como sabemos, mas este projecto criaria sinergias com a Terceira... É um projecto para toda a Região, que, com a situação gravíssima do ponto de vista económico e social que vive, e com um Governo da República como o atual, está ameaçada. Temos de ser criativos, ousados.r. ■